

# Espaços de formação e prática docente

António Nóvoa

entrevistado por

Delano Moody Simões da Silva

Eloisa Pilati

201

Delano Silva e Eloisa Pilati – Professor Nóvoa, o senhor tem defendido uma reformulação de organizações escolares que se pautam pelos modelos do século 19 e que parecem não atender nem aos interesses da sociedade nem aos anseios dos próprios estudantes. Quais seriam, na sua visão, os elementos fundamentais para uma escola inovadora e voltada para o cidadão do século 21?

António Nóvoa – Talvez possa responder à vossa pergunta com o título do meu último livro, publicado na Bahia, pelo Instituto Anísio Teixeira, em 2022: *Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar*.<sup>1</sup> Primeiro – a escola precisa ser *protegida*, em face de tendências de fragmentação e de regresso da educação a espaços domésticos, bem como de ilusões de tecnologias que, supostamente, poderiam substituir o ensino, a pedagogia e o trabalho dos professores. Segundo – a escola precisa ser *transformada*, pois o modelo escolar herdado do século 19, basicamente estruturado em torno da célula “sala de aula”, já não responde às necessidades do nosso tempo. A transformação da escola passa, fundamentalmente, pela criação de novos ambientes educativos. Terceiro – os professores precisam ser *valorizados*, porque nada substitui a ação e a capacidade de iniciativa deles. Não vale a pena esperarmos por grandes reformas educativas ou do currículo. Vale a pena, sim, criarmos as

---

<sup>1</sup> Nóvoa e Alvim (2022).

condições para que as escolas e os professores possam desenvolver os seus projetos e as suas dinâmicas com autonomia, liberdade e sentido de futuro. Nesta resposta, espero que encontrem alguns dos elementos fundamentais para escolas inovadoras, que vão ser diferentes umas das outras, a partir de novos e diferentes ambientes educativos.

Delano Silva e Eloisa Pilati – O senhor foi presidente do Comitê de Pesquisa e Redação da Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, responsável pela elaboração do último relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) sobre os futuros da educação, apresentado na Conferência Geral, em Paris, em novembro de 2021. Quais são as principais orientações desse relatório, que tem o título *Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a Educação*<sup>2</sup>?

António Nóvoa – Resumidamente, podemos recorrer às três ideias fortes do título para explicar o relatório: “juntos, futuros e novo contrato social”. A palavra “juntos” procura valorizar todas as dimensões da cooperação, do trabalho em comum, da colaboração. Uma boa aula é insubstituível, mas é um absurdo imaginar que a educação é feita apenas de aulas. A educação é trabalho em comum. Devem-se criar as condições, dentro e fora das escolas, para que os alunos trabalhem uns com os outros e com os professores, em novos ambientes educativos. Gosto de pensar a escola como uma grande biblioteca ou um laboratório, onde há investigação, estudo, descoberta, trabalho colaborativo... Os novos ambientes educativos têm como matriz o “juntos”.

Já o termo “futuros”, assim mesmo, no plural, está presente porque, nos últimos 150 anos, a escola desenvolveu-se de forma bastante uniforme, homogênea, em nível mundial. Ao usar o plural, tivemos a intenção de sublinhar que o futuro está na diversidade. Escolas, professores, ambientes, métodos... diferentes. O melhor que podemos fazer é dar autonomia e liberdade às escolas e aos professores para construírem projetos educativos distintos e diversos.

Finalmente, “novo contrato social”. Há 150 anos, quando se instituiu a escola obrigatória, escreveu-se: “deem-nos os vossos filhos, nós os educaremos”. Esse contrato já não serve. Tem de haver uma relação diferente entre as escolas, as famílias e a sociedade, no quadro de um espaço público da educação, aberto, plural, amplo, compartilhado. Isso exige um novo contrato social.

Delano Silva e Eloisa Pilati – Em muitos dos seus trabalhos, há destaque para a escola como espaço de formação docente e para a importância do estabelecimento de diálogo entre a universidade e a escola. Quais os

---

<sup>2</sup> Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação (2022).

ingredientes para o sucesso na relação entre universidade e escola? O senhor poderia nos relatar alguma(s) experiência(s) exitosa(s) desse tipo de parceria?

António Nóvoa – Sim, é preciso encontrar uma nova relação entre a universidade e as escolas, sobretudo para uma mudança de fundo na formação de professores. Há muito venho falando de um “terceiro espaço” ou de uma “casa comum da formação e da profissão”. A minha reflexão é de grande simplicidade, talvez até simplista. As escolas, sozinhas, não são capazes de formar os professores. Por quê? Porque são espaços muitas vezes dominados pela rotina e com dificuldades de renovação e de inovação. As universidades, sozinhas, não são capazes de formar os professores. Por quê? Porque são espaços aos quais falta uma proximidade à profissão, ao trabalho escolar, à vida pedagógica. Qual é a solução? Construir um “terceiro espaço”, de ligação entre as escolas e as universidades, mas que inclua também todas as entidades com responsabilidades educativas, a começar pelas entidades municipais e estaduais. Esse “terceiro espaço” deve constituir-se como um novo arranjo institucional, isto é, ter autonomia e poder institucional próprio, no qual professores, universitários, pesquisadores, gestores e responsáveis municipais e estaduais tenham capacidade de deliberação. A existência de um espaço desse tipo, por si só, não assegura bons processos de formação de professores, mas induz fortemente uma dinâmica de colaboração e de cooperação que é essencial para pensar o futuro da formação docente.

Há várias experiências desse gênero nos Estados Unidos da América e na Europa, em processo de desenvolvimento e de expansão em todo o mundo. Vale a pena consultar, por exemplo, os textos de Ken Zeichner.<sup>3</sup> Uma dessas experiências com mais significado e impacto é o Complexo de Formação de Professores do Rio de Janeiro, dinamizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É uma experiência inédita, não só no Brasil, mas no mundo. Sei que existem iniciativas no mesmo sentido por parte da Universidade de São Paulo (USP), o que é uma excelente notícia. No dia em que as principais universidades brasileiras se juntarem em torno de uma proposta desse tipo, mobilizando as principais comunidades de professores e de pesquisadores, muito ativas e qualificadas, haverá uma mudança profunda no panorama da formação de professores. O Brasil precisa desse gesto das suas principais universidades públicas.

Delano Silva e Eloisa Pilati – O senhor tem defendido uma atuação docente na escola, na comunidade e em políticas públicas. No caso do ensino de Ciências e Artes, por exemplo, outros espaços podem ser ocupados, como museus, parques e zoológicos. Poderia nos explicar de que forma pode se dar a atuação do professor nesses espaços?

<sup>3</sup> Professor titular do Departamento de Currículo e Ensino da Universidade de Washington – Estados Unidos. Disponível em: <https://education.uw.edu/people/faculty/kenzeich>. Acesso em: 22 nov. 2022.

António Nóvoa – Sim, as mudanças em curso têm uma dimensão pedagógica, interna à realidade escolar, mas têm também uma dimensão externa, na construção do que designo por espaço público da educação. Não se trata, apenas, de repensar a relação escola-sociedade ou de defender uma maior abertura das escolas às famílias e à sociedade. Trata-se de compreender a necessidade de consolidar uma rede de compromissos e de responsabilidades para realizar a educação numa diversidade de tempos e lugares. Esse “espaço público” não se resume a organizar, de modo diferente, as atividades escolares; tem de corresponder, sobretudo, à inscrição de novas modalidades de participação, de cidadania e de deliberação no domínio da educação. Nada será conseguido se as mudanças não forem, simultaneamente, internas e externas às escolas, nomeadamente no que diz respeito aos tempos e aos ritmos da vida das famílias e do trabalho, bem como à organização das cidades (habitação, transportes, cultura...). Essa afirmação seria facilmente apelidada de fantasista antes da pandemia. E depois? Por que razão o que foi possível (com tantas imperfeições) durante a pandemia não seria agora possível para responder (com inteligência e futuro) à necessidade de abrir um novo ciclo na história da escola e da educação? Eis o sentido último de uma educação que vai para além da escola e que mobiliza todas as possibilidades educativas existentes na cidade, na sociedade.

Delano Silva e Eloisa Pilati – O senhor tem discutido as afirmações sobre a aprendizagem feitas pelas chamadas Ciências da Aprendizagem e os discursos elaborados por meio de racionalidade técnica que acabam por desvalorizar os saberes experienciais e as práticas dos professores. Poderia nos explicar um pouco mais sobre essa questão?

António Nóvoa – Sim, as Ciências da Aprendizagem (*Learning Sciences*) têm avançado em todo o mundo, num certo sentido, em substituição às Ciências da Educação (*Educational Sciences*). Estas últimas correspondem a um alargamento da Pedagogia, incorporando diversos olhares científicos *a partir de dentro* da educação. As Ciências da Aprendizagem são, sobretudo, produzidas por pesquisadores do campo da biomedicina, das neurociências, da cognição e da computação, que, com base no estudo do cérebro, procuram aplicar no campo educativo, *a partir de fora*, um conjunto de evidências científicas. É muito curioso que, no Brasil, essas abordagens se tenham definido como Ciência *para* Educação. São estudos muito importantes, que têm trazido conhecimentos extraordinários para a Educação e a Pedagogia, mas que, obviamente, não podem substituir uma reflexão própria dos educadores, dos pedagogos e dos pesquisadores em Educação. Uma obra de síntese publicada no Brasil, em 2017, possui um título muito elucidativo – *Ciência para Educação: uma ponte entre dois mundos*.<sup>4</sup> Segundo o dicionário, “para” é uma preposição que

<sup>4</sup> Lent, Buchweitz e Mota (2017).

“exprime direção ou lugar de destino”,<sup>5</sup> um sentido único. Já uma “ponte” consiste em uma metáfora para falar na união entre duas margens, num sentido duplo. Eu gosto de pontes.

Delano Silva e Eloisa Pilati – Considerando sua trajetória e experiência profissional, seus “saberes docentes”, que orientações o senhor daria para um professor em início de carreira?

António Nóvoa – Nos meus diálogos com jovens professores, há três dimensões que estão sempre presentes.

A primeira é a ligação entre as dimensões pessoais e as profissionais. Ser professor é uma profissão muito especial, que nos implica por inteiro, que nos obriga a um compromisso o qual nos mobiliza por inteiro.

A segunda é a ligação entre o trabalho profissional e a ação pública. Ser professor é agir com grande responsabilidade no interior da escola, mas é também assumir um compromisso com o espaço público da educação.

A terceira é que, hoje, o trabalho de um professor é feito cada vez mais em colaboração com os outros colegas. Isso não diminui a nossa responsabilidade individual, mas acentua a necessidade de um trabalho conjunto com os outros professores.

Os jovens professores iniciam a sua vida docente num tempo de grandes transformações. É certamente difícil, mas é também apaixonante. Eles vão ser a geração da mudança da escola, uma mudança de tão grande significado como aquela que, em meados do século 19, construiu o modelo escolar que ainda hoje conhecemos. Confesso que gostaria de estar no lugar deles.

## Referências bibliográficas

---

COMISSÃO INTERNACIONAL SOBRE OS FUTUROS DA EDUCAÇÃO. *Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a Educação*. Brasília, DF: Unesco, 2022. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381115>. Acesso em: 27 out. 2022.

LENT, R.; BUCHWEITZ, A.; MOTA, M. B. (Org.). *Ciência para Educação: uma ponte entre dois mundos*. Rio de Janeiro: Atheneu, 2017.

---

<sup>5</sup> Priberam Dicionário (2022).

NÓVOA, A.; ALVIM, Y. *Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar*. Salvador: SEC/IAT, 2022.

PRIBERAM Dicionário [da Língua Portuguesa]. Lisboa, 2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/para>. Acesso em: 22 nov. 2022.

---

António Manuel Seixas Sampaio da Nóvoa, doutor em Ciências da Educação e História Moderna e Contemporânea pela Universidade de Genebra e doutor em História pela Universidade de Paris-Sorbonne, é professor catedrático do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e reitor honorário dessa universidade. Tem pesquisado e publicado sobre história da educação, educação comparada e formação de professores.

novoa@reitoria.ulisboa.pt

Delano Moody Simões da Silva, doutor em Ecologia pela Universidade de Brasília (UnB), professor do curso de licenciatura em Ciências Naturais da Faculdade UnB de Planaltina (FUP), professor do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências da UnB (PPGEduC-UnB) e líder do grupo de pesquisa Estágio Supervisionado de Ensino e Formação de Professores de Ciências.

delanomody@gmail.com

Eloisa Pilati, doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), com pós-doutorado pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), Estados Unidos, é professora do Instituto de Letras da UnB.

eloisapilati@gmail.com

Recebido em 6 de junho de 2022

Aprovado em 21 de setembro de 2022